

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

SUSY SOARES BATISTA

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM ESCOLAS DA REDE
PÚBLICA DE CAJAZEIRAS - PB**

Cajazeiras – PB
2019

SUSY SOARES BATISTA

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM ESCOLAS DA REDE
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Orientadora Professora Dra. Viviane
Guidotti

SUSY SOARES BATISTA

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM ESCOLAS DA REDE
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado como requisito para obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia, do
curso de Pedagogia, da Unidade
Acadêmica de Educação (UAE) do Centro
de Formação de Professores (CFP), da
Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG), Campus Cajazeiras-PB.

Aprovado em: 18/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Viviane Guidotti Fandi

Orientadora – Professora Dra. Viviane Guidotti – UFCG/UAE

Rozilene Lopes de Sousa

Examinadora 1 – Professora Dra. Rozilene Lopes de Sousa – UFCG/UAE

Aparecida Carneiro Pires

Examinadora 2 – Professora Dra. Aparecida Carneiro Pires – UFCG/UAE

Examinadora suplente – Professora Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas –
UFCG/UAE

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

B333p Batista, Susy Soares.
Práticas de alfabetização e letramento em escolas da rede pública do município de Cajazeiras - PB / Susy Soares Batista. - Cajazeiras, 2019. 46f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Guidotti Machado.
Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) UFCG/CFP, 2019.

1. Alfabetização. 2. Letramento 3. Ensino Fundamental. 4. Prática de Alfabetização. I. Machado, Viviane Guidotti. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37.014.22

Dedico este trabalho, primeiramente, à Deus por ser essencial em minha vida, a todos da minha família, aos meus filhos, e em modo geral a todos que me incentivaram, e motivaram com palavras, encorajando-me a continuar e não desistir diante das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por permitir que tudo isso de bom acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos sendo o meu maior mestre.

À minha orientadora, Professora, Dra. Viviane Guidotti, pela paciência, atenção e incentivo, tornando assim, possível a conclusão deste TCC.

A todos os meus professores, pelo convívio, apoio, compreensão, paciência e pela amizade que sempre tiveram comigo, durante todo esse percurso importante na minha vida acadêmica.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

Às minhas duas mães Beatriz e Janice, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. As minhas irmãs, pelo apoio nessa longa jornada.

E em especial aos meus filhos Kevin, Kauan e Kaio, no qual foram minha principal motivação para chegar ao fim desta conquista, sendo em especial ao meu filho mais velho Kevin, que apesar de ser uma criança, sempre cuidou dos seus outros dois irmãos na minha ausência.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

Ensinar não é transferir conhecimento
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire (2003, p. 47)

RESUMO

O presente estudo teve como finalidade compreender como as práticas de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental são relevantes para o desenvolvimento do aluno, tendo em vista a importância da alfabetização no avanço escolar do aluno. Desta forma a pesquisa objetivou investigar como as práticas de professores da rede pública do município de Cajazeiras PB, auxiliam os alunos no processo de alfabetização. Para tanto, foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico, no qual se pôde contar com as contribuições de autores como: Soares (1998 e 2013), Cagliari (2007), Ferreira (1995 e 1996), Ferreira e Teberosky (1999), Freire (2006), Carvalho, (2015) e alguns documentos legais referentes a educação brasileira: LDB,(1996); BNCC (2017) e o PNAIC (2017). Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, com 02 (duas) professoras do 1º ano e 01 (uma) professora do 2º ano do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas, sendo uma estadual e uma municipal do município de Cajazeiras- PB, para que se pudesse compreender como a organização das práticas de professores da rede pública do município é preparada para auxiliar os alunos no processo de alfabetização. As professoras entrevistadas participaram de uma entrevista relacionada à temática, expressando suas concepções e práticas de alfabetização, destacando a importância dessa fase para os alunos, elas também foram observadas nas suas práticas em sala de aula, na busca de confrontar o pensamento com a prática. Os resultados apontam que ainda existem muito que se fazer em relação a prática de alfabetização, que os alunos não estão sendo alfabetizados de acordo com a lei atual, quando discorre que o aluno deve ser alfabetizado até o final do 2º ano do ensino fundamental.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Ensino Fundamental. Práticas de Alfabetização

ABSTRACT

The aim of this work is understand how important is the reading and writing process in the begging of school years to develop the students' abilities in order to show the student's school improvement significance in alphabetization. The present research has the main goal to investigate how the teachers' methods in public schools in Cajazeiras City–PB are helping boys and girls in school-age in learning process. With this purpose, it was performed a bibliographic collecting facts which it was considered some authors publications. For instance: Soares (1998 e 2013), Cagliari (2007), Ferreiro (1995 e 1996), Ferreiro e Teberosky (1999), Freire (2006), Carvalho (2015) and some legal documents regarding Brazilian education: LDB (1996), BNCC (2017) e o PNAIC (2017). Following this, a field research was accomplished using a qualitative approach with two teachers, one from the First Grade and the other from Second Grade in two public schools one is a State School and the other is Municipal in Cajazeiras City-PB, in order to comprehend how the teachers in public school organize themselves to guidance the students in the learning process. The teachers have participated in an interview connected with the subject we discussed. They expressed their ideas, plans and actions in alphabetization process, they highlighted the value of this stage. The teachers were watched giving class in effort to compare the thinking and the practice. The results point out that there is so much to do in the learning process, and the students are not being learning how to write and read according to the actual law which shows one student should be able to read and write until the end of Second Grade of Elementary School.

Keywords: Literacy. Literature. Elementary School. Literacy Practice.

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

PNAC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 MEMORIAL ACADÊMICO: ORIGEM DO OBJETO DE ESTUDO.....	12
1.2 ESTRUTURA DA PESQUISA.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	17
2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO	23
3 METODOLOGIA	28
3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	28
3.1.1 Entrevistas	29
3.1.2 Observação.....	30
3.3. ANÁLISE DE DADOS	30
4 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE I: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	43
APÊNDICE II: ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	44
APÊNDICE III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE ..	45

1 INTRODUÇÃO

1.1 MEMORIAL ACADÊMICO: ORIGEM DO OBJETO DE ESTUDO

Para apresentar minha intenção de estudo nesta pesquisa, será importante resgatar minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Desta forma, início me apresentado, meu nome é Susy Soares Batista, nascida em Cajazeiras-PB com poucos dias de vida fui morar em Fortaleza CE, sou a terceira filha de uma mulher que sempre foi uma guerreira e teve que abrir mão da sua filha caçula (eu), com três meses de vida para trabalhar e sustentar as suas outras duas filhas mais velhas, pois o meu pai foi embora. Então fui criada com muito amor e carinho pelos meus avôs maternos em Cajazeiras.

Desde cedo comecei a frequentar a escola despertando o interesse pelos estudos, a primeira escola foi a Pequeno Sorriso, onde fiz toda a educação infantil e os dois primeiros anos do fundamental I, depois fui para escola E.E.F Coronel Joaquim Matos onde cursei a 3^a e 4^a serie. Já a 5^a série estudei na E.E.I.F.M. Cristiano Cartaxo e da 6^a até a 8^a série cursei no Colégio Diocesano.

Até então, nunca tinha pensado em ser professora, pois sempre fui tímida para falar em público por conta de um problema de gagueira que tenho, mais fui incentivada pela minha professora de inglês Iridene, que me motivou a cursar o Magistério no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em que a mesma também era professora.

Um dia conversando com a professora Iridene, falei que achava muito bonito a relação que ela tinha com todos os seus alunos, então ela me perguntou se eu não gostaria de seguir essa profissão, dei uma risada e disse que nunca, pois pensava que meu problema de gagueira não me permitiria ser uma boa professora. A partir de então essa professora sempre encontrava tempo entre as aulas para me dizer o quanto ela era feliz sendo professora, aquela alegria me contagiando tanto que resolvi vencer a minha timidez e superar meu problema com a fala e ingressar no curso de Magistério, em 1998.

Sempre fui louca por criança a cada dia que passava me encantava mais com o curso e tinha a certeza que era realmente isso que queria.

No segundo ano do curso de Magistério me casei, quando terminei o curso em 2000, achava que tinha feito tudo para ser uma professora, que era só esperar a oportunidade de emprego, enquanto esperava dava aulas de reforço em casa.

No ano de 2002 fui chamada para atuar como professora na escola GEO, onde trabalhei por sete anos, no meio desse tempo em 2004 tive meu primeiro filho, o nascimento dele só reforçou o quanto eu gostava de criança e que realmente estava na profissão certa.

Também comecei a lecionar em 2002 no Colégio Geo, daí em diante não fiquei mais fora de sala de aula, atualmente trabalho no Instituto Educacional Nossa Senhora de Fátima como professora alfabetizadora.

No ano de 2007 senti a necessidade de cursar um ensino superior para me profissionalizar ainda, complementar os estudos iniciados no Curso Normal e aprofundar meus conhecimentos sobre alfabetização, passei no vestibular da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para o período 2008.2, iniciei cheia de orgulho a minha nova caminhada.

Quando ingressei na faculdade travei uma luta muito grande porque estava em terreno desconhecido e tudo era novo, foi um grande desafio. As dificuldades surgiram logo nas primeiras disciplinas, não conseguia falar e expor minhas ideias ou dúvidas. Só no segundo período foi que minha socialização em sala de aula melhorou um pouco, porque sou muito tímida e a questão de apresentar os trabalhos em forma de seminários me deixa muito nervosa. Mas, encontrei pessoas maravilhosas, colegas que se tornaram amigas de sala e professores que me ajudaram muito a vencer a timidez e a descobrir um 'tesouro' que não tem preço, que sou capaz de ajudar as pessoas, a formar cidadãos atuantes na sociedade, questionadores e reflexivos.

Em 2009 tive que trancar o curso, com o nascimento do meu segundo filho, não consegui quem cuidasse dele para continuar os estudos. Pensei em trancar os três períodos à frente, mas quando fiz o segundo trancamento descobrir que estava grávida novamente. A alternativa foi desistir do curso, o sentimento de tristeza tomou conta, pois batalhei muito para conseguir ingressar na universidade. Mas, a esperança de retornar ao curso estava sempre presente na minha vida.

Quando meus filhos já estavam maiores, decidi fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2014, com a pontuação da prova consegui novamente ingressar no curso de Pedagogia.

Na minha trajetória na Universidade enfrentei muitos desafios, principalmente na apresentação dos seminários, por ter um problema da gagueira, o qual me deixava mais nervosa, porém consegui superar. Não tive muita dificuldade nos estágios porque já atuava como professora e tudo foi tranquilo. O que me incentivou a pesquisa sobre alfabetização, foi o fato de está atuando a 5 anos como professora alfabetizadora e vi a importância de aprimorar meus conhecimentos sobre o tema e a importância da alfabetização na vida de uma pessoa. Minha passagem pela UFCG, está sendo de grande relevância na minha vida pessoal e principalmente profissional.

Desta forma, o tema da pesquisa tem como intuito aprimorar minha própria prática de alfabetização, fazendo-me repensar minha ação docente, para oferecer material potencialmente significativo e mediar o aluno no processo de construção do conhecimento, o que remete a investir na minha formação continuada como professora atuante nos anos iniciais.

1.2 ESTRUTURA DA PESQUISA

A partir do que foi exposto na apresentação do memorial acadêmico, o tema desta pesquisa foi: a Alfabetização, a delimitação do tema será: Práticas de alfabetização. Assim, esta pesquisa tem como problema central: Como as práticas pedagógicas dos professores de Cajazeiras PB estão organizadas a fim de alfabetizar os alunos na faixa etária adequada?

O objetivo geral desta investigação é: Investigar como são organização as práticas pedagógicas de professores da rede pública do município de Cajazeiras PB para auxiliar os alunos no processo de alfabetização e letramento, nos anos iniciais do ensino fundamental. E os objetivos específicos é:

- ✓ Analisar as dificuldades e desafios dos professores nas práticas pedagógicas de alfabetização;
- ✓ Compreender como as práticas pedagógicas de alfabetização são organizadas, com a intenção de alfabetizar os alunos na faixa etária adequada;
- ✓ Identificar os benefícios das práticas pedagógicas dos professores, frente à aprendizagem dos alunos.

A justificativa foca na intenção em pesquisar sobre as práticas de profissionais da Educação da Rede Pública de Ensino a partir de práticas de professoras que atua no 1º ano e 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Cajazeiras-PB, tema este de bastante relevância perante a formação de indivíduos críticos, cientes de seus direitos e deveres.

Entende-se como relevância social da pesquisa a intenção de investigar a partir de um estudo científico as práticas de alfabetização no município de Cajazeiras, para produzir conhecimento sobre este assunto, contribuindo para o avanço científico no campo da educação, na região em que atuo como professora.

Uma das razões pela qual me fez optar em pesquisar sobre este tema para fazer minha pesquisa é ampliar meus conhecimentos sobre as práticas pedagógicas dos professores e como essas podem influenciar no processo de alfabetização dos alunos da rede pública de ensino, surgiu das minhas inquietações como professora como também das minhas vivências e experiências como aluna do Curso de Pedagogia.

Diariamente é noticiada nos telejornais a preocupação com a precariedade do ensino de alfabetização no nosso país e os desafios que os educadores enfrentam para alfabetizar seguindo práticas pedagógicas adequadas para a alfabetização dessas crianças na faixa etária adequada, fazendo com que esses alunos cheguem ao 3º ano do ensino fundamental alfabetizados.

Por esses apontamentos apresentados acima, entende-se fundamental importância que o professor pense o currículo como um processo dinâmico que o proponha novos desafios e uma alfabetização de qualidade para os alunos.

O referencial teórico foi organizado em três partes no qual abordou às leis sobre alfabetização, a alfabetização e letramento e por último as práticas pedagógicas de alfabetização:

Na primeira parte do referencial teórico, intitulada como 'Alfabetização: Lei educacional brasileira', foi abordado as leis que rege a alfabetização que tem a fundamentação embasada por documentos oficiais como: LDB (1996) –Art. 32. Parágrafo I que fala sobre o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a BNCC (2017) na qual define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental; e o PNAIC (2017) que estabelece a obrigatoriedade de Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 2º (segundo) ano do ensino

fundamental. Traz também Soares (2011) com uma breve explanação sobre alguns dados sobre a realidade da alfabetização no nosso país.

A segunda parte tem como título 'Alfabetização e Letramento', no qual foi abordado a relação entre o alfabetizar e letrar com base nos autores: Soares (1998), que mostra que não basta apenas aprender a ler e escrever, e sim adquirir competência para usar a leitura e escrita, envolvidas com as práticas sociais da escrita; Soares (2013), com o intuito de identificar os problemas, dificuldades e paradigmas que a sociedade brasileira tem enfrentado no processo de alfabetização e letramento; e Cagliari (2007), com intuito de compreender que a natureza da escrita, suas funções e usos são imprescindíveis para quem se propõe a tarefa da alfabetização.

A terceira parte tem como título 'Práticas Pedagógicas na Alfabetização' apresenta como fundamentação teórica os autores: Ferreiro (1996, 1999 e 2001), com o propósito de compreender que a aprendizagem da linguagem escrita não é apenas uma aprendizagem de um código de transcrição e sim a construção de sistema de representação; Ferreiro e Teberosky (1999), trazendo a sondagem diagnóstica e os níveis silábicos; Freire (2006), trazendo a importância ao respeito e a valorização dos conhecimentos e experiências das crianças; e por fim Carvalho (2015), trazendo a importância do diálogo entre a teoria e a prática no processo de alfabetização.

No capítulo da Metodologia da pesquisa, é apresentado como a pesquisa de campo foi organizada, a partir de uma natureza básica (LÜDKE E ANDRÉ 1986), com intuito de gerar novos conhecimentos para educação, pois possui um caráter investigativo no sentido de explorar práticas de alfabetização e suas contribuições para o bom desenvolvimento educacional do aluno.

O capítulo da análise dos dados foi de acordo com a perspectiva de Bardin (1977), que apresenta análise de Conteúdo Categrorial, que é a mais utilizada na prática de pesquisa, em que o conteúdo é desmembrado em unidades, sendo analisados por categoria.

Por fim as considerações finais, que contemplam os resultados alcançados pela pesquisa, e traz o aprendizado do pesquisador no que diz respeito a toda a produção do trabalho, no qual foi feito um resumo de toda a pesquisa e seus respectivos resultados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Na sociedade contemporânea, em que vivemos não basta ser alfabetizado, ou seja, saber ler e escrever, é fundamental saber utilizar a leitura e a escrita no dia a dia, no cotidiano. Devido essa situação ocasionou-se então uma preocupação com o analfabetismo funcional, levando os pesquisadores a descoberta do letramento em lugar de “alfabetização”, tornando o conceito de alfabetização insatisfatório. É importante retomar o que Soares (2011, p. 29), destaca sobre o letramento:

O surgimento do termo literacy (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra.

O fato é que nas sociedades letradas, a criança que é apenas alfabetizada, é incapaz de vivenciar plenamente a cultura escrita e também responder as demandas da sociedade atual, compreendendo o que ler e trazendo essa compreensão para suas vivências no dia a dia, pois segundo Soares (2011, p. 5) “Se a criança sabe ler, mais não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavra e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada.” Logo podemos afirmar que o conceito de leitura e escrita estão inseridos no processo de letramento e alfabetização e através disto o leitor constrói seus conhecimentos tornando-se uma pessoa crítica capaz de atuar na sociedade que vive.

Desta forma, a atividade do letrar e alfabetizar na perspectiva dos estudos de letramento defendido pela pesquisadora e educadora Soares (1998), têm um caráter de processos conjuntos e ligados um ao outro no início da escrita alfabética da criança, e tem sido muito usado pelos professores de alfabetização.

Dentro dessa perspectiva, de alfabetizar letrando está situada a leitura de variados gêneros do discurso de práticas de letramento em que o aprendiz extrai seus conhecimentos prévios indispensável para seu processo de alfabetização, visto que esses diferentes tipos de letramento de cada educando têm como base o meio familiar e social em que ele está inserido.

Segundo Soares (2003), o letramento é o estado em que o indivíduo seja capaz de dominar o uso da escrita no seu cotidiano, no qual o mesmo compreenda os mais diferentes contextos, ele é visto como as práticas sociais de leitura e escrita, não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la. Ela afirma que não adianta aprender a ler e escrever se não consegue usá-las no meu dia a dia.

No entanto se faz necessário a atenção para que não se cometa o erro de apenas substituir o termo alfabetização pelo termo letramento. Para que isso não aconteça é imprescindível o conhecimento dos dois termos, para tanto busquemos fundamento em Soares (1998), quando discorre que alfabetização é o ato de se tornar “alfabetizado” enquanto letramento se traduz como “condição de ser letrado”. A autora trata o letramento como o resultado de uma ação: a de “letrar-se” entendido aqui como “tornar-se letrado.

Para esse melhor entendimento Soares (2012, p. 23), traz a diferença entre o indivíduo alfabetizado e letrado, afirma que “[...] (já que alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam).”

Desta forma, quando o indivíduo consegue interagir com a leitura de maneira a refletir sobre o que está lendo, este aluno já conseguiu fazer uma leitura de mundo e atingir o nível de letramento no qual possa exercer seu pensamento crítico sobre sua realidade.

É necessário que o aluno obtenha competência e habilidade para ler e escrever, porem para ser letrado o indivíduo precisa saber como e onde usar essas habilidades. Para reafirmar o fato retomemos a diferença entre alfabetizado e letrado, citado por Soares (2012, p. 39-40):

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

A autora deixa claro ao explanar sobre os dois termos o que cada um deles representa, deixando assim possível discutir o que se refere a cada processo no seu âmbito maior que se trata de colocar a leitura em sala de aula como uma prática de letramento.

Porém na maioria das vezes as escolas tratam o processo de alfabetização totalmente desligado ao letramento, dando ênfase apenas na decodificação de letras, sílabas e palavras, isto é, não importa para escola a forma com que o aluno ira interpretar a leitura e associá-la ao seu dia a dia, aplicando essa leitura através das suas práticas sociais, como afirma Soares (2013, p. 22):

[...] Aprender a ler e a escrever, para a escola, parece apenas significar a aquisição de um “instrumento” para a futura obtenção de conhecimentos; a escola desconhece a alfabetização como forma de pensamento, processo de construção do saber e meio de conquista de poder político.

Com isso, é importante que o papel da escola não se limita em apenas a ensinar o aluno a ler e escrever, já que é importante considerar a formação para a cidadania de acordo com a LDB/1996 é dos princípios norteadores da educação, a escola tem o compromisso com a aprendizagem dos alunos na perspectiva das três finalidades da Educação Básica: formar para cidadania, preparar para estudos posteriores e inserção no mercado de trabalho.

Cagliari (2007) faz uma crítica, que tanto as escolas, como os professores têm sempre o hábito de seguir métodos prontos trazidos nos livros, ao qual eles não o têm como material de apoio e sim como metodologia de ensino ‘o famoso bá-bé-bi-bó-bu’ – trazem mais problemas do que soluções para o processo de alfabetização. Já que no processo de alfabetização, seguindo essa metodologia de ensino dão ênfase apenas da decodificação das sílabas, deixando de lado a representação da sílaba e palavra voltada para o contexto em que o aluno encontrasse.

Então o autor destaca que sendo que, a alfabetização é a etapa fundamental na vida do aluno e deve ser fundamentada, nos conteúdos linguísticos, pois são a base principal quando se trata de ensinar a ler e a escrever:

No ensino de português, não há Pedagogia, Psicologia, Metodologia, Fonoaudiologia etc., que substituam o conhecimento lingüístico que o professor deve ter. Sem uma base lingüística verdadeira, as pessoas envolvidas em questões de ensino de português acabam ou acatam velhas e erradas tradições de ensino ou se apoiando explícita ou implicitamente em concepções inadequadas de linguagem. (CAGLIARI, 2007, p. 34)

Sendo assim, se entende que o processo de alfabetização não tem apenas a função de ensinar a juntar sílabas ou letras, formar palavras, frases e textos, deixando a escola como espaço que só serve para ensinar a ler, pela codificação de letras. Com isso, retoma-se que a alfabetização como um ensino voltado apenas

para a decodificação e repetição do que está posto para o aluno, deixando de existir a compreensão da leitura e relação do texto com o meio social, não desenvolve o aluno para ser letramento, com capacidade de interagir com a leitura e a escrita na sua realidade.

Segundo Soares (2012, p. 19) “alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam”. É sabido que não basta apenas ler e escrever, é preciso também fazer o uso dessa leitura e escrita na nossa realidade social.

Dessa forma, Soares (2012) elucida que a relação da leitura e da escrita está associada as práticas sociais, no qual possibilita uma aprendizagem significativa para o aluno, haja vista que o aluno letrado, ultrapassa os limites da apropriação do alfabeto ou do registro do próprio nome, pois compreende a participação e interação com o outro, mediados pelos uso social da linguagem.

2.2 ALFABETIZAÇÃO: LEI EDUCACIONAL BRASILEIRA

O processo de alfabetização pelo qual as crianças passam durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, é visto como um desafio no nosso país, pois a maioria das crianças na fase de alfabetização não domina a escrita e leitura, sendo que esse problema vem de muito tempo, deixando claro que o Brasil sempre enfrentou problemas no ensino da escrita e leitura. Como afirma Soares (2011, p. 13 – 14):

Há cerca de quarenta anos que não mais de 50% [...] das crianças brasileiras conseguem romper a barreira da 1ª série, ou seja, conseguem aprender a ler e escrever. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação, de cada mil crianças que, no Brasil, ingressam na 1ª série em 1963, apenas 449 passaram à 2ª série, em 1964 em 1974 – portanto, dez anos depois – de cada mil crianças na 1ª série, apenas 438 chegaram à 2ª série, em 1975. Quando dispusermos de dados semelhantes para a década de 1980, a situação não será diferente, segundo indicam as estatísticas que as Secretárias Estaduais de Educação vêm apresentando anualmente. Nenhum progresso nas últimas décadas. Somos um país que vem reincidindo no fracasso em alfabetização.

A fim de contribuir com o processo de aprendizagem o estudo das leis vem regulamentar a Alfabetização, com intuito de analisar o real objetivo da alfabetização e o compromisso que deveremos ter como educadora, nos comprometendo com a

aprendizagem dos alunos na perspectiva das três finalidades da Educação Básica, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), publicada em 1996, que são: formar para cidadania, preparar para estudos posteriores e inserção no mercado de trabalho.

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (BRASIL, 1996)

Desta forma, a lei menciona que nos educadores devemos assegurar ao aluno uma formação para a cidadania, ou seja, formar pessoas crítica capazes de interagir com o mundo ao seu redor, preparar o aluno para os estudos posteriores no que diz respeito a oferecer ao aluno um ensino de boa qualidade, para que o mesmo possa avançar nas séries posteriores e por fim, inserir o aluno no mercado de trabalho, através do conhecimento adquirido pelo aluno no que diz respeito aos ensinamentos em sala de aula.

É nessa perspectiva que percebe-se a importância e compromisso do professor com a formação do seu aluno, em que aquele professor que se dispões a seguir o que está posta na LDB/1996, conseqüentemente será um professor que buscará meios para que seus alunos venham alcançar as metas propostas, principalmente os professores dos anos iniciais, pois são eles que iniciaram a criança no processo de escrita, leitura e fazer cálculos, como apresenta a LDB/1996:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; (BRASIL, 1996)

Como afirma, o artigo citado da LDB/1996 é direito do aluno o pleno domínio da leitura e escrita, porém não é bem o que vem acontecendo, pois as maiorias dos professores não estão preocupados em garantir esse direito, no que diz respeito a sua prática em sala de aula, partindo do ponto em que permanecem com práticas educativas tradicionais em que nada estimulam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Para que esse objetivo seja alcançado, o professor tem por obrigação desenvolver práticas de ensino lúdicas e diversificadas com intuito de garantir não apenas a decodificação de letras e palavras, mais também o desenvolvimento do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais.

Com isso se tem a necessidade da criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi publicada em 2017, tendo como objetivo nortear o ensino nas escolas de todo Brasil e que engloba a Educação Básica, desde Educação Infantil até o Ensino Médio, trazendo objetivos de aprendizagens para cada nível da Educação Básica. Trata-se de uma ferramenta que orienta a elaboração do currículo de cada escola, considerando suas particularidades sociais e regionais. E no que diz respeito a Alfabetização, abrange o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental e garante duas linhas de ensino: a primeira é o trabalho com as práticas sócias de leitura e escrita e a segunda é permitir que os alunos reflitam sobre o sistema de escrita alfabética.

Como afirma a BNCC (2017. p. 55) baseada na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. Como aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/201029, “os conteúdos dos diversos componentes curriculares, ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo”.

O documento, assim destaca a importância de uma alfabetização baseada na perspectiva do letramento, no qual o aluno consiga vivenciar a leitura e escrita no seu dia a dia, não apenas decodificando letras e sim compreendendo o contexto em que a sua escrita e leitura estão envolvidas.

E para que isso aconteça é preciso que os professores tenham consciência que o seu papel é de mediador do conhecimento e não de detentor do saber, que o aluno pode construir seu próprio conhecimento, com auxílio das práticas dos professores, que devem se interessar muito pela aprendizagem do aluno, para que não aconteça uma desvalorização do ensino aprendizagem, e que essa tomada de consciência, por parte do professor ajude no bom desenvolvimento de todos os alunos em geral, não apenas uma parte. Porém, a BNCC também ressalta a importância da codificação e decodificação dos sons das letras do nosso alfabeto, quando afirma que:

[...] é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em

material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (BRASIL, 2017, p. 87-88).

E para que essa codificação e decodificação das letras e seus fonemas aconteça na idade certa de forma igualitária para todos os alunos, foi que o governo criou o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC, 2017), no que estabelece uma educação igual para todos, visando a alfabetização no tempo certo, como diz a lei:

O PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa¹ é um compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, desde 2012, para atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”. A garantia da alfabetização plena de todas as crianças, como redigido na estratégia 5.1, exige uma visão sistêmica da educação e é um dos pilares para o alcance de outras Metas do PNE, em especial a de nº 2, que determina universalizar o ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e garantir que os alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência do PNE.

Desta maneira, o documento PNAIC 2017 vem com intuito de igualar o acesso a um ensino de qualidades a todos, possibilitando que professores da rede pública estejam em constante formação, em que os professores compreendam que o período de alfabetização seja marcado com intenção de inovação e compromisso com o ensino aprendizagem dos alunos, que essa alfabetização seja sólida e auxilie no crescimento do aluno para toda sua vida.

2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO

As práticas pedagógicas de Alfabetização têm sido ultimamente investigadas por muitos pesquisadores preocupados com os problemas da educação, por perceberem a importância da alfabetização para solucionar os problemas de muitos jovens e adolescentes, como afirma Ferreira (2011, p. 13) “É recente a tomada de consciência sobre a alfabetização inicial como única solução para o problema da alfabetização remediativa.”

Pois, as práticas tradicionais de alfabetização, que equivalem em um método no qual o professor repassa seus conhecimentos para os alunos, vêm causando muitos danos ao desenvolvimento da aprendizagem de adolescentes e jovens, pois esse método ignora a construção do conhecimento, fazendo com que o aluno não participe ativamente do seu processo de construção do conhecimento, passando a condição apenas de ouvinte e reproduzidor da escrita, como afirma Ferreiro (2011, p. 21):

O modo tradicional de se considerara a escrita infantil consiste em se prestar atenção nos aspectos gráficos dessas produções, ignorando os aspectos construtivos. Os *aspectos gráficos* têm a ver com a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante [...]. Os *aspectos construtivos* têm a ver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações.

Sendo assim, os olhares se voltam para a prática do professor, por ele ser uma das peças fundamentais para que aconteça a alfabetização efetiva, e não a mera reprodução da grafia, pois é ele quem está diariamente com os alunos e sabe o que cada um necessita para a evolução da sua aprendizagem, conforme as autoras Silva e Falcão (2014) faz referência ao PNAIC:

[...] a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar da formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código lingüístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática.

Seguindo a perspectiva defendida pelo PNAIC (2012), para isso é necessário que o professor busque meios de se atualizar nas suas práticas, diante dos desafios das salas de aulas para que possa dar um suporte as necessidades de cada aluno, e para que isso aconteça e inaceitável professores desinformados, desprovidos de conhecimento sobre o processo de aprendizagem e no tocante do processo de alfabetização.

Outra questão que é importante destacar é que muitas vezes os professores não compreendem as dificuldades que algumas crianças enfrentam antes de conseguir compreender o sentido de escrita e leitura, até porque cada criança participa de um meio social antes de chegar à escola, e já possui uma visão de mundo que não são iguais aos das outras crianças. Ferreiro (1999) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na

maioria dos casos anterior a escola, ou seja, a criança começa a ser alfabetizada no ambiente familiar e no convívio social, comunitário, e não termina ao finalizar a escola primária”.

Ou seja, a criança já vem para escola com um conhecimento de mundo e das palavras das quais estão inseridas no seu meio social, e é na escola que ela aprende a representar essas palavras através da escrita e decodificação das letras, e se for feito um trabalho de alfabetização das crianças partindo dessas palavras o processo de alfabetização acontecerá com mais facilidade e prazer para o aluno, como afirma Kramer (1986, p. 26)

[...] Precisamos ter, no entanto, uma posição crítica frente à idéia de que em todo e qualquer ato pedagógico cada novo conhecimento deva necessariamente partir da experiência infantil numa espécie de empiricismo grosseiro em defesa de que “nada há no intelecto que não tenha antes passado pelos sentidos.

Assim, a importância do professor pensar uma prática educativa baseada no respeito e valorização pelos conhecimentos prévios das crianças, fazendo com que suas experiências sirvam para a formação de sua própria identidade. E sobre essas perspectivas, Freire (2006, p. 71) afirma:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, em como ter uma prática educativa em aquele respeito, que se deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado, isso exige de mim uma reflexão sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educando.

Esse respeito ao educando, começa quando o professor não ignora as informações sociais que as crianças já possuem, no qual adquirem no seu ambiente social, como afirma Ferreiro (1996, p. 24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social.”

A autora defende também que as crianças são as que mais possuem facilidades para serem alfabetizadas, pois os adultos já possuem um conhecimento fixo e mais difícil de ser modificado, ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p. 23)

Para que o professor identifique o nível de aprendizado que se encontra cada criança se faz necessário uma sondagem através de pequenos teste, podendo ser o instrumento elaborado por Ferreiro e Teberosky (1999), denominado como sondagem diagnóstica, que é uma ferramenta que identifica o nível de escrita e de leitura das crianças, a partir da qual o educador poderá analisar as produções espontâneas do aluno, para só assim poder identificar o nível de conhecimento dos alunos.

Porém, para determinar ou não o nível em que a criança se encontra, não devemos apenas nos atentar a escrita/grafia, ou seja, a palavra escrita e ir tirando as nossas conclusões sobre o nível silábico de cada criança e sim observando. “As intenções, os comentários e alterações introduzidos durante a própria escrita e a interpretação que o ‘autor’ (a criança) fornece para sua construção, quando terminada” (FERREIRO, 1995, p. 25). Pois como bom profissional, o professor precisa avaliar também a postura da criança e todo processo de construção dessa escrita.

Com isso, o professor não deve se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções e práticas tradicionais, agindo apenas como um adulto já alfabetizado, para que não faça com que a criança internalize que o conhecimento já está pronto e ela só precise reproduzi-lo, pois como afirma Ferreiro (2011, p. 32) “Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só podem obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento.”

Ferreiro (2011, p. 33) afirma que “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”. A autora também diz que toda prática tem a intenção, porém umas são mais eficazes no que diz respeito ao domínio da língua com efeitos mais duráveis.

O professor necessita de um domínio dos conhecimentos teórico para aplicar métodos de alfabetização adequados para os alunos e suas especificidades conforme explica Carvalho (2015, p. 46):

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento de suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia a dia e procurar solução para os problemas dos alunos que não acompanham.

Conforme explica a autora a utilização de técnicas eficientes, exige experiência prática, domínio teórico, observação e verificação dos objetivos que pretende alcançar, acompanhado os desafios e propondo soluções para os problemas encontrados.

Para facilitar o trabalho do professor alfabetizador se faz necessário a troca de ideias com outros professores que atuam também na parte de alfabetização, pois a troca de experiências dos mesmos contribui para uma boa prática, como afirma Carvalho (2015, p. 46):

[...] ter ao seu lado alguém para trocar ideias e discutir problemas costuma ser um auxílio precioso. Mesmo depois de possuir experiência, uma boa prática é unir-se a um ou mais colegas que estejam alfabetizando para fazer um trabalho coletivo de reflexão e crítica.

Com isso, a importância do trabalho coletivo dos professores se torna fundamental, no intuito de colaborarem com o processo de alfabetização das crianças do nosso país, na perspectiva de mudarmos a triste realidade da educação nas nossas escolas, pois é dever da escola oferecer uma educação de qualidade a todos os alunos, e para isso o professor é uma das peças fundamentais para essa realização, como afirma Ferreira (2011, p. 59-60):

Os estudos comparativos com populações de diversas procedências sociais e nacionais nos permitem afirmar que é muito o que a escola pode fazer para ajudar as crianças, especialmente aquelas cujos pais, analfabetos ou semianalfabetos, não possam transmitir-lhes um conhecimento que eles mesmos não possuem. O professor é quem pode minorar esta carência, evitando, porém, ficar prisioneiro de suas próprias convicções: as de um adulto já alfabetizado.

Sendo assim, para um bom desenvolvimento da educação das crianças, durante o processo de alfabetização, deve haver uma parceria escola/professores e professores/professores, todos unidos pela mesma causa, pois é de grande relevância se ter uma boa qualidade de ensino nesse processo de alfabetização, para que o aluno não seja prejudicado nos níveis seguintes. Sendo que essa fase refletirá em toda a vida escolar do aluno.

3 METODOLOGIA

A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada e rigorosa de toda ação desenvolvida de um trabalho de pesquisa, ou seja, se constitui em seu principal instrumento e se refere a mais do que um simples conjunto de métodos, que fundamentam um estudo.

A presente pesquisa tem como tema A Prática de Alfabetização, na rede pública do município de Cajazeiras - PB, cujo objetivo geral é compreender como as práticas de professores da rede pública deste município auxiliam os alunos no processo de alfabetização.

Para isso foi realizada uma pesquisa de campo e de natureza básica, pois, tem o interesse de gerar novos conhecimentos para a educação. A referida pesquisa é uma abordagem qualitativa, considerando o que traz Lüdke e André (1986, p. 45), quando cita que:

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições das entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de analisar implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado.

Já que se estabeleceu como uma pesquisa que possibilita a compreensão de se relacionar com o sujeito e o objeto, como compreensão do pesquisador (a) diante das especificidades.

Esta seção do trabalho tem como finalidade apresentar quais foram os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados: uma entrevista e a observação. Como também foi realizada a análise de dados e quais foram os Procedimentos Éticos da pesquisa.

3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foi realizada uma *pesquisa de campo*, com a aplicação de uma entrevista semiestruturada com três professoras do 1º e 2º ano do ensino fundamental, no qual foram identificadas como Professora 1, Professora 2 e Professora 3 e em seguida as observações das práticas em sala de aula.

3.1.1 Entrevistas

Segundo Lüdke e André (1986, p. 33), “A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados [...]” E é com base nesse estudo que apliquei a entrevista semiestruturada, na qual foram convidadas a participarem da entrevista 3 professores do 1º e 2º ano do ensino fundamental I, em duas escolas públicas.

Desta forma, a entrevista semiestruturada foi aplicada com os participantes que aceitaram o convite, a partir de um roteiro de entrevista composto por cinco (5) questões, como se trata de um roteiro, por ventura se surgirem perguntas mediante as resposta dos entrevistados, serão inseridas na entrevista, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 34), “[...] a entrevista semi-estruturada, que se desenrola a parti de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” Dando assim mais liberdade de resposta ao entrevistado.

Para a realização dessa entrevista fui pessoalmente às escolas escolhidas para convidar os professores que estão atuando em salas de aulas, para participarem dessas entrevistas. Marquei, a data, hora e local de acordo com a disponibilidade e preferência de cada professor. As entrevistas foram realizadas separadamente para que a resposta de um não interferisse na resposta do outro.

A entrevista semiestruturada foi gravada com apenas duas participantes, pois uma se negou a gravar, sendo a mesma escrita e foram feitas perguntas no que tange a sua prática em sala de aula, além de procurar compreender as práticas que compõem o trabalho do professor(a), enfatizando como objetivo geral, e, compreendendo as contribuições dessas práticas para o processo de ensino e aprendizagem no âmbito da leitura e a escrita no espaço da sala de aula. As perguntas estão no apêndice (página 42) deste trabalho.

As transcrições das entrevistas foram feitas manualmente, escutando cada frase e escrevendo a fala de duas participantes, pois uma participante se opôs a gravar a entrevista, sendo ela feita de forma escrita. As participantes foram identificadas como Professora 1, 2 e 3.

3.1.2 Observação

As observações foram realizadas entre os dias 13 a 24 de maio em três escolas de Cajazeiras - PB, foram observadas as práticas de três professoras dentro das séries de 1º e 2º ano, no qual foram escolhidas por se destacarem nas suas práticas e indicadas por outros professores e diretores, com as devidas anotações feitas no roteiro e planejamento de observação. Segundo Lüdke e André (1986, p. 25) “Planejar a observação significa determinar com antecedência “o quê” e “como” observar.”

Desta forma, a observação foi guiada por um roteiro, que está apresentado no apêndice (p. 37) neste trabalho mediante as práticas de alfabetização do professor na sua sala de aula, tendo um olhar voltado para identificar como essa prática auxilia os alunos na sua aprendizagem, enfatizando a contribuição da metodologia para o processo de ensino aprendizagem.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com as três professoras e em seguida observei as salas de aulas das três professoras entrevistadas, na qual foram duas do 1º no período da manhã e uma do 2º ano do ensino fundamental I no período da tarde, com intuito de acompanhar o processo de ensino aprendizagem dos alunos das referidas professoras, pois de acordo com Lüdke e André (1986, p. 26), na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, podem tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. Por isso a importância do acompanhamento direto dessas práticas com objetivo de verificar sua eficácia no processo de ensino aprendizagem.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

Segundo Lüdke e André (1986, p. 48) “a fase mais formal de análise tem lugar quando a coleta de dados está praticamente encerrada.”. Então, após as entrevistas e observações, fiz um esquema de comparação de dados entre as respostas dos professores e as anotações das observações, comparando as respostas e práticas de cada docente para a partir desse momento iniciar a análise dos dados.

A análise do conteúdo foi feita de acordo com Bardin, (1977, p. 153), que traz a importância da análise por categoria, quando cita que:

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar: cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.

Os relatos das professoras e dados das observações foram analisados de acordo com o que rege a LDB 1996, BNCC 2017 e o documento PNAIC 2017. Também fiz uma análise das entrevistas e dados da observação de acordo com os conhecimentos dos autores que utilizei para escrever o referencial teórico, os quais escrevem sobre as práticas pedagógicas na alfabetização.

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A pesquisa de campo aconteceu com a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da UFCG, com número do parecer: 3.304.149, que analisou se o projeto apresenta os requisitos adequados para manter a integridade dos sujeitos que serão voluntários desta pesquisa.

No dia da entrevista levei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual contém todas as informações sobre a pesquisa realizada. Explicou-se detalhadamente para os professores entrevistados que a pesquisa em questão se trata de uma pesquisa que tem como objetivo investigar como as práticas de professores da rede pública do município de Cajazeiras PB auxiliam os alunos no processo de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Esclareceu também as professoras que suas identidades serão preservadas sendo citadas na pesquisa com nomes fictícios e que a referida pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade (UFCG), para ser avaliada.

Informamos aos entrevistados que a entrevista é transcrita na íntegra e entregue para as professoras a cópia da entrevista transcrita, deixando-as cientes que podem solicitar alterações caso desejem.

4 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO

Este capítulo se destina a apresentação e análise dos dados referentes a entrevista, com 5 perguntas, aplicada para três professoras das séries de 1º e 2º ano do ensino fundamental e serão identificadas como Professora 1, Professora 2 e Professora 3. E as observações, no qual foram feitas uma em cada sala, fazendo as anotações, pontuando as metodologias utilizadas e a participação dos alunos nas práticas aplicadas nas duas escolas que irei identificá-las sendo a escola municipal de Escola M e a escola Estadual por Escola E.

A Professora 1 tem 44 anos de idade, com formação em Pedagogia – Habilitação em Supervisão Escolar, tendo 6 anos de atuação como alfabetizadora e 13 anos de atuação na escola atual; a Professora 2 tem 46 anos de idade e está cursando pedagogia, atua a 3 anos como alfabetizadora e trabalha a 9 anos na escola atual; e Professora 3 tem 64 anos de idade, tendo como formação Licenciatura em Geografia, trabalha a mais de 20 anos como alfabetizadora e atua a 8 anos na escola atual.

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do município de Cajazeiras-PB, sendo uma da rede municipal e outra da rede estadual. A Escola E é uma instituição estadual que funciona no período matutino e vespertino com o Ensino Fundamental I e no período noturno a EJA.

Quanto às dependências da escola, durante as observações foram coletadas informações sobre a organização e gestão das escolas, a escola E é composta por uma diretoria que também é utilizada como sala de informática, uma secretária, uma cantina, banheiros para as crianças e banheiros para adultos, com acessibilidade e uma área livre para recreação, cinco salas de aula sendo que uma é utilizada para AEE e serviços pedagógicos, não possui sala para professores e coordenação.

Já a Escola M em um bairro da zona urbana da cidade de Cajazeiras – PB, é uma instituição municipal que funciona no período matutino com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I, no período vespertino com o Ensino Fundamental II e no período noturno com a EJA. A mesma possui sete salas de aulas, uma secretaria, uma diretoria, uma cantina, uma sala de AEE, uma sala de informática, um pátio amplo, com uma área coberta e três banheiros, um masculino, um feminino e um

para crianças com necessidades especiais, que também é utilizado pelos professores e não possui sala para professores e coordenação.

Durante as observações foi percebido que nas duas escolas tem salas amplas, bem decoradas com cartazes educativos, alfabeto móvel, números, calendário, com cantinho da leitura com muitos livros acessíveis aos alunos e armários com bastantes materiais educativos. Em relação à organização das cadeiras só a Escola E trabalha com elas em círculos, ficando a Escola M com as tradicionais filas deixando alunos invisíveis, sendo que os círculos concedem aos alunos uma melhor interação professor/aluno e aluno/aluno.

No entendimento sobre Alfabetização e Letramento, as Professoras 2 e 3 apresentaram resposta que condizem com os pensamentos dos autores citados no referencial teórico deste estudo, como a Professora 2 relata que para ela a alfabetização é o processo de ler e escrever, decodificar as letras e palavras, já o letramento é o uso da escrita e leitura sendo capaz de interagi-las na prática social.

A Professora 3 segue na mesma perspectiva, quando afirma que, *“Alfabetização é o processo que se consolida a aquisição da leitura e escrita, e o letramento, entretanto é a capacidade que permite o indivíduo fazer o uso da leitura e escrita socialmente.”* O que condiz com a afirmação da autora Soares (2011, p. 39-40):

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

A autora deixa claro ao explicar sobre os dois termos e o que cada um deles representa, deixando assim possível discutir o que se refere a cada processo no seu âmbito maior que se trata de colocar a leitura em sala de aula como uma prática de letramento.

Já a Professora 1 faz oposição a autora no que diz respeito a definição de alfabetizado e letrado quando afirma que:

“Bem eu acho assim, pela experiência que tenho o ser letrado é aquele que conhece as letras né, cópia e identifica as letras, ler mecanicamente, e o aluno alfabetizado é aquele aluno que consegue ler, entender o que está lendo e pode colocar sua opinião no que está lendo, acrescentando mais alguma coisa e construir o seu conhecimento.”

A Professora 1 faz uma inversão no significado dos dois termos citados na pergunta, demonstra pouco conhecimento sobre as definições teóricas quanto um ser alfabetizado e/ou letrado, apresentando uma definição contrária a de Soares (2011, p.23) sobre a diferença entre o indivíduo alfabetizado e letrado. A autora afirma que “[...] alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam.”

Sobre suas práticas de alfabetização em sala de aula as professoras 1 e 2 tem ideias em comum, quando falam sobre a questão de conhecer os alunos na perspectiva dos seus níveis de aprendizagem, para só depois pensar sua metodologia quando dizem que: *“A primeira coisa que eu gosto de fazer assim que eu conheço a turma é um diagnóstico, eu faço aquele diagnóstico de Emília Ferreiro né, vejo os níveis que cada um está e aí vou trabalhando de forma variada”* (Professora 1)

Já a Professora 2 diz que: *“Eu costumo trabalhar com aulas dinamizadas e contextualizadas a parti do teste de sondagem para saber em que fase se encontra os alunos.”* Sendo assim as duas professoras mencionam em suas falas, pontos comuns, quanto à organização dos seus planejamentos, de suas práticas pedagógicas que partem das dificuldades dos alunos, pois ambas aplicam o instrumento elaborado por Ferreiro e Teberosky (1999).

As professoras acreditam ser importante a aplicação do instrumento, já que possibilita uma sondagem diagnóstica dos alunos, assim, esse instrumento se torna uma ferramenta que identifica o nível de escrita e de leitura das crianças, a partir da qual o educador poderá analisar as produções espontâneas do aluno, para só assim poder identificar o nível de conhecimento dos alunos.

Conforme as autoras Ferreiro e Teberosky (1999), sendo que esses níveis são: Nível pré-silábico em que o indivíduo acredita poder escrever com rabiscos, desenhos e não consegue associar as letras com o som da palavra falada; Nível silábico esse nível se caracteriza pela quantidade, ou seja, o aprendiz atribui o número de sílabas a palavra por conta própria, não que o valor seja o correspondente a palavra; Nível alfabético neste nível o indivíduo examina as vogais e consoantes existente na palavra, considera que a palavra escrita deve retratar a palavra falada.

O terceiro tema propõe identificar qual o entendimento dos sujeitos sobre práticas inovadoras, em que as professoras 1 e 2 tem um pensamento em comum quando falam: Professora 1 “ [...] a *prática inovadora é quando agente traz a ludicidade para a sala, quando você trabalha vários gêneros textuais, quando você trabalha com jogos[...]*; e a Professora 2 diz: ‘[...] *que os alunos não aprendem mais de maneira tradicional e sim de uma forma dinamizada.*” Porém o que foi observado na prática pedagógica vai de contrário com a fala, quando as duas enfatizam em sala apenas o método tradicional, quando dão ênfase apenas a identificação da letra e sua leitura, fazendo uso apenas do livro didático e caderno. No qual foi aplicado atividades no livro e caderno enfatizando apenas a reprodução de letras e palavras sem contextualizações.

E Cagliari (2017) faz uma crítica, que tanto as escolas, como os professores têm sempre o hábito de seguir métodos prontos trazidos nos livros, ao qual eles não o têm como material de apoio e sim como metodologia de ensino ‘o famoso bá-bé-bi-bó-bu’ – trazem mais problemas do que soluções para o processo de alfabetização. Já que no processo de alfabetização, seguindo essa metodologia de ensino dão ênfase apenas da decodificação das sílabas, deixando de lado a representação da sílaba e palavra voltada para o contexto em que o aluno encontrasse.

Já o que foi observado na sala da Professora 3, foi o uso de materiais concretos, como: cartazes, dinheiro de papel, trabalhos manuais, entre outros. A professora destaca que trabalha com texto que traz o dia a dia dos alunos, dando veracidade a sua fala quando diz que:

“São inovadoras as práticas sistemáticas em que as estratégias são usadas em função da construção do conhecimento pelo aluno, mediante significativas intervenções. Aquelas que promovem a harmonia entre alfabetização e letramento de modo a permitir algo a mais do que o simples aprendizado mecânico, mas que garanta conhecer os objetivos e sentidos dos registros escrito.”

Esta professora demonstra na sua fala, que tem metodologia que visa o bom desenvolvimento do aluno e deixa claro na sua prática que não dá ênfase ao método tradicional e sim o construtivista, sendo consciente do significado de cada um deles, como traz a descrição de Ferreira (2011, p. 21) quando cita:

O modo tradicional de se considerara a escrita infantil consiste em se prestar atenção nos aspectos gráficos dessas produções, ignorando os aspectos construtivos. Os *aspectos gráficos* têm a ver com a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante [...]. Os

aspectos construtivos têm a ver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações.

Questionadas de como acontece a escolha de sua metodologia, as professoras 1 e 2 relatam que planejam suas aulas com base no nível em que se encontra os alunos, quando dizem que: “[...] *eu faço um diagnóstico, aí faço meus planejamentos, e aí eu vou organizar, por exemplo, separo os alunos por níveis... eu trabalho com data show, apresento vídeos, trabalho com música, com poema [...]*” (Professora 1); “*Costumo planejar de acordo com o nível de cada um, procurando sempre trabalhar com materiais concretos, contextualizados, dinâmicos e prazerosos.*” (Professora 2); ambas apresentam metodologias dinamizadas com intuito de levar aprendizagem aos alunos e como afirma, porém, o que foi observado em sala foi uma prática tradicional.

Porém, como Ferreiro (2011, p. 33) afirma: “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”. A autora também diz que toda prática tem a intenção, porém umas são mais eficazes no que diz respeito ao domínio da língua com efeitos mais duráveis.

No entanto a Professora 1 destaca nessa resposta que: “[...] *eu separo os alunos por níveis, que tem aluno que você falando uma vez já aprende, tem aluno que você falando dez vezes, ainda não aprende [...]*”.

A mesma deixa claro tanto na sua fala como na sua prática pedagógica observada, que o professor ainda é o ‘dono do saber’, que os alunos só aprendem ~~quando~~ reproduzem exatamente o que a professora diz. Essa prática remete a reflexão de que o professor não deve se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções e práticas, e não faça com que a criança internalize que o conhecimento já está pronto e ela só precise reproduzi-lo, pois como afirma Ferreiro (2011, p. 32) “Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só podem obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento.”

Já a Professora 3 menciona que: “*As metodologias para a prática da alfabetização são elegidas de modo a potencializar a participação e envolvimento do aluno em relação ao trabalho com o objeto de estudo apresentado.*” e o que condiz com sua prática pedagógica, pois foi observado que a mesma, apresenta na sua prática um domínio de conhecimentos teóricos nos seus métodos de alfabetização e

acompanha de perto os alunos com dificuldades, procurando facilitar a sua aprendizagem. E Carvalho (2015, p. 46) explica a importância desse domínio quando afirma que:

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento de suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia a dia e procurar solução para os problemas dos alunos que não acompanham.

A última questão, pergunta o que as professoras acham que sua prática pedagógica tem um diferencial na aprendizagem dos alunos, todas afirmam que sim, que as suas metodologias trazem benefícios para o desenvolvimento dos seus alunos. A professora 1 relata que:

Com certeza né, o aluno quando é alfabetizado, porque alfabetização é a base e quando ele não tem uma boa alfabetização, ele segue com dificuldade até o final. Quando ele tem uma boa base, boa alfabetização, ele consegue ser um cidadão alfabetizado, tem conhecimento das coisas, sabe opinar. Por quê? Porque ele já é alfabetizado, ele consegue fazer uma boa leitura das coisas e as outras disciplinas ele aprende de boa. Agora quando ele não tem uma boa alfabetização, pronto aí, ele não consegue nada.

Essa professora enfatiza a importância da alfabetização, porém não deixa claro o porquê de sua prática de alfabetização é um diferencial na aprendizagem dos seus alunos.

Já a Professora 2 também não consegue explicar como sua prática faz a diferença na aprendizagem do aluno e traz a resposta para o lado afetivo quando diz:

Sim, acho bastante positiva, pois onde se trabalha com amor se tem bons frutos, trabalho com o coração, pois é notório nos rostinhos de cada um a necessidade de um carinho, quando se tem essa troca muitos objetivos são alcançados.

Sendo assim as professoras 1 e 2 não deixam claro como sua prática está auxiliando seus alunos na aprendizagem, como também ficou nítido na observação o despreparo da Professora 1 quando trabalha com a separação das sílabas de algumas palavras no quadro de forma errada, como fe-i-ti-ce-i-ro, sendo que a forma correta é fei-ti-cei-ro, entre várias outras que possuíam hiatos e ela separou no quadro. E que a maioria dos alunos das salas das Professoras 1 e 2 não dominam a prática da leitura e escritas, até mesmo tem alunos que não reconhecem se quer as letras. Ficando um pouco contraditório, pois as professoras destacam nas suas falas

a importância da alfabetização para a vida do aluno, como as autoras Silva e Falcão (2014), faz referência ao PNAIC:

[...] a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar da formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reprodutor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código lingüístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática.

Entretanto, a Professora 3 tem firmeza na sua resposta quando afirma que:

Positivo, trabalho com projeto cujas temáticas abordadas privilegiam interesses e necessidades do aluno. Apresento uma dinâmica que envolve o dia a dia do estudante, evidenciando a identidade do aluno e sua autonomia, visando promover condutas cidadãs.

A fala da professora também mostra consciência da importância da sua prática em sala de aula, quando prioriza o dia a dia do aluno, trazendo atividades que condiz com a vivência dos alunos. Trata seus anos com respeito e dignidade, quando se mostra compromissada com o ensino aprendizagem.

Entretanto, não pude perceber esse respeito na observação da aula da Professora 1, pois a mesma trata os alunos com uma certa ignorância e chega até a chamá-los de chatos e insuportáveis, fazendo oposição a Freire (2006, p. 71), quando afirma que:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, em como ter uma prática educativa em aquele respeito, que se deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado, isso exige de mim uma reflexão sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educando.

E o que foi percebido nas observações, é que a maioria dos alunos não está no nível de alfabetização e letramento, muitos não conseguem ler e escrever o próprio nome. Como foi observado na atividade da folha, em que a maioria dos alunos precisou do auxílio do crachá para conseguir escrever seu nome, fazendo apenas a cópia do mesmo sem o conhecimento das letras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possui um caráter investigativo no sentido de explorar as práticas pedagógicas e suas contribuições para os alunos no percurso de sua alfabetização e assim contribuir para o bom desenvolvimento educacional.

Pois, a educação deve visar um processo de mudança, reafirmando que ensinar a ler e a escrever fazendo relação com o contexto social dos alunos, deve representar um dos principais objetivos das instituições escolares, além de constituir-se como um de seus maiores desafios.

É importante retomar que para obter os dados foi realizada uma pesquisa de campo e de natureza básica, pois, tem o interesse de gerar novos conhecimentos para a educação, sendo que foram utilizadas uma entrevista e a observação com cada uma das participantes, no qual as entrevistas duas foram gravadas e uma escrita, porque a participante não aceitou ser gravada, e nas observações fui fazendo anotações de como ocorreram as aulas.

Porém para analisar as práticas dos professores de forma mais detalhada seria necessário que as observações acontecessem com mais intensidades do que foram feitas, pois o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos seria mais intensa, traria mais eficácia a pesquisa, porém o tempo para observações foi restrito ao tempo de entrega do trabalho para a conclusão do curso.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender como organização das práticas pedagógicas de professores da rede pública do município de Cajazeiras PB. Como os professores estão preparadas para auxiliar os alunos no processo de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, visto que foi possível entender como as professoras organizam suas práticas pedagógicas em sala de aula, visando o bom desenvolvimento do aluno, apesar de suas práticas não condiz com suas falas.

Os objetivos específicos foram investigar as dificuldades e desafios dos professores nas práticas de alfabetização, no que se constatou que inúmeras são essas dificuldades, sendo elas: a salas numerosas, crianças com vários tipos de dificuldades, a falta de acompanhamento dos pais e principalmente o desinteresse dos alunos no que tange seu aprendizado.

O segundo objetivo específico foi de analisar como as práticas pedagógicas de alfabetização são organizadas, com a intenção de alfabetizar os alunos na faixa etária adequada, sendo que ficou perceptível que a organização das práticas pedagógicas não estão, em vários momentos, direcionadas ao letramento, apenas a alfabetização, ou seja, a decodificação das letras e palavras.

E por fim identificar os benefícios das práticas dos professores, frente à aprendizagem dos alunos, na qual ficou nítido o despreparo de algumas professoras no que diz respeito as suas práticas e compromisso com a aprendizagem dos alunos, porém outras professoras mostraram-se empenhada no seu papel de alfabetizadora, buscando práticas que auxiliam seus alunos para um bom desenvolvimento.

Ao findar essa pesquisa, consideramos que há muitas discussões sobre a formação do sujeito, que tenha como função social uma formação que desenvolva esse sujeito para lidar de maneira competente com as situações sociais que envolvem a leitura e a escrita, mas que para isso é fundamental um investimento em formação continuada dos professores.

Pois, durante o trabalho verificou-se que muito se tem que pesquisar e trabalhar com os professores alfabetizadores, no que diz respeito às práticas em sala de aula, no intuito de conseguirmos uma mudança nesse quadro atual no que diz respeito a crianças que chegam ao 3º ano do ensino fundamental sem sequer ser alfabetizado e letrado.

Como acadêmica, futura pesquisadora, destaco que a partir da realização deste estudo aqui descrito, a indicação para os demais que vierem a pesquisar sobre o tema, que vá ao campo de pesquisa assim que optarem pelo tema, e acompanhem por um longo período as práticas e desempenho na aprendizagem dos alunos mediante essas práticas para uma melhor contribuição no que tange a fase de alfabetização dos alunos do nosso país, com intuito de promovermos uma educação de qualidade para os alunos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Congresso Nacional, **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 10 jul. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 22 jul. 2018
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: 2017** Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/mec-divulga-o-pnaic-2017/>. Acesso em: 22 jul. 2018.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, M. E. D. André **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática**. 12 ed. Petrópolis: Editoras Vozes, 2006
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo, Cortez, 2003.
- KRAMER, Sonia (Org.). **Alfabetização: Dilemas da Prática**. Rio de Janeiro: Dois Ponto Editora Ltda, 1986.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília. **Desenvolvimento da Alfabetização**: psicogênese. In: GOODMAN, Yetta M. (Org.). Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.22-35.

SILVA, Mirelle Araújo da; FALCÃO, Rafaela de Oliveira. **Formação de professores e o pacto nacional pela alfabetização na idade certa: uma experiência com práticas leitoras**. EdUECE: Fortaleza, 2014. Disponível em <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/FORMA%C3%87%C3%83O%20DE%20PROFESSORES%20E%20O%20PACTO%20NACIONAL%20PELA%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20NA%20IDADE%20CERTA%20UMA%20EXPERI%C3%84NCIA%20COM%20PR%C3%81TICAS%20LEITORAS.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2019.

APÊNDICE I: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

1. Identificação da Instituição

Nome da Escola: _____
 Endereço: _____
 Telefones: _____ Instituição: () Municipal () Estadual

2. Estrutura Física da Instituição

3. Corpo Administrativo da Escola

Diretora: _____
 Formação: _____
 Vice- director: _____
 Formação: _____

Coordenador(a): _____
 Formação: _____

Secretário(a): _____
 Formação: _____

4. Quantidade de Alunos da sala Observada

Turma: _____ Faixa Etária: _____ Quantidade de alunos: _____

5. Identificar as estratégias e metodologias adotadas pelo professor

6. Aspectos importantes a destacar em cada dia de observação, que será descrito no diário de campo da observação.

APÊNDICE II: ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Identificação: Sujeito 1 () Sujeito 2 () Sujeito 3 ()

Idade: _____ Estado Civil: _____

Formação: _____

Tempo de atuação como alfabetizadora: _____ Tempo de atuação na escola: _____

- 1) O que você compreende sobre Alfabetização e Letramento?

- 2) Fale um pouco sobre sua prática de alfabetização em sala de aula?

- 3) O que você entende sobre práticas inovadoras de alfabetização?

- 4) Como acontece a escolha de suas metodologias para as práticas de alfabetização de suas aulas?

- 5) Você acha que sua prática de alfabetização tem um diferencial na aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta?

APÊNDICE III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo de Prática de Alfabetização na Rede Pública do Município de Cajazeiras – PB, coordenado pela professora Viviane Guidotti e a aluna vinculadas a Unidade Acadêmica de Educação, Centro de Formação de Professores.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral compreender como as práticas de professores da rede pública do município de Cajazeiras PB auxiliam os alunos no processo de alfabetização. Os objetivos específicos são: Investigar as dificuldades e desafios dos professores na aplicação das práticas de alfabetização; analisar o desempenho dos alunos a partir do desenvolvimento das práticas; identificar os benefícios das práticas dos professores, frente a aprendizagem dos alunos. E se faz necessário por, compreender que atualmente a alfabetização dos alunos é uma das partes mais importante na vida do aluno, porém o que se percebe é a falta de compromisso de professores acerca do processo de ensino aprendizagem, dando ênfase apenas ao processo de decodificação de sílabas e palavras, deixando de lado contexto social em que as mesmas estão inseridas.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: observação do pesquisador em sua sala de aula durante uma semana, participação na entrevista semiestruturada e gravada. Sua participação na pesquisa não representará qualquer risco de ordem psicológica para você. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma. Como pesquisadora, comprometo-me a esclarecer devidamente qualquer dúvida que, eventualmente, o/a participante venha a ter, no momento da pesquisa ou posteriormente.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Viviane Guidotti, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Professora Viviane Guidotti

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores.

Endereço: R. Pedro Carlos de Moraes - Lot. Jose Bonifácio de Moura, Cajazeiras - PB, 58900-000

Telefone: 3532-2000

E-mail: vivianeguidotti@ufcg.edu.br

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cep@cfp.ufcg.edu.br

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS-PB, 02 DE ABRIL DE 2019

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo estudo